

A METAMORFOSE DO 'CURIOSO' EM GIORDANO BRUNO

THE METAMORPHOSIS OF THE 'CURIOUS' IN GIORDANO BRUNO

Luiz Carlos Bombassaro¹

Endereço profissional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Faculdade de Educação, Departamento de Estudos Básicos.
Av. Paulo Gama 110. CEP 90.040-060
Porto Alegre – RS
e-mail: lcbombassaro@gmail.com

RESUMO: Discutida desde a Antiguidade, a curiosidade mostra na Filosofia da Renascença uma dupla face conceitual: uma intelectual, outra ético-moral. Em Giordano Bruno, a curiosidade é condição para a compreensão do processo cognoscitivo e da filosofia moral. Pretende-se aqui mostrar esse duplo movimento conceitual operado pela obra bruniana, onde o curioso vem apresentado, de um lado, como quem procura a sabedoria; e, de outro lado, como quem, ao realizar a investigação, vive uma transformação, uma metamorfose.

Palavras-chave: Giordano Bruno. Filosofia. Renascença. Curiosidade.

ABSTRACT: Discussed since Antiquity, curiosity shows in Renaissance Philosophy a double conceptual face: one intellectual, the other ethical-moral. In Giordano Bruno, curiosity is a condition for understanding the cognitive process and moral philosophy. It is intended here to show this double conceptual movement operated by Bruno's work, where the curious is presented, on the one hand, as someone looking for wisdom; and, on the other hand, as someone who experiences a transformation, a metamorphosis.

Keywords: Giordano Bruno. Philosophy. Renaissance. Curiosity.

Considerações preliminares

Curiosidade é um conceito que carrega consigo uma longa e controversa história, não somente porque aparece, já na Antiguidade clássica, como um problema especialmente para a Literatura, a Filosofia e a Teologia, mas também porque, a partir de então, sua interpretação é construída por perspectivas interpretativas muito diversas. É inegável, no entanto, que a curiosidade possa ser entendida, de imediato, em sua dupla estrutura de falta e recurso, o que poderia sugerir uma aproximação a uma interpretação permeada pela concepção do *eros* platônico,² uma vez que, desde já, a curiosidade passaria então a ser situada no campo semântico daquela estrutura dupla que opera a diferença entre a ignorância (enquanto falta) e o saber (enquanto recurso).

¹ Professor Titular de Filosofia no Departamento de Estudos Básicos, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Doutor em Filosofia pela Universidade de Kaiserslautern, Alemanha.

² Cf. PLATÃO. *Banquete*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém? UFPA, 1980. p.203b.

Curioso é aquele que deseja e procura de algum modo saber aquilo que de algum modo ignora. É especialmente tendo em vista essa dupla estrutura que pretendemos aqui mostrar como a curiosidade opera a passagem entre não saber e saber.

Considerada numa perspectiva histórico-conceitual, a curiosidade é aqui entendida epistemologicamente como um pressuposto para a compreensão do processo cognoscitivo em geral. Poderíamos dizer que ela é o disparador da atividade intelectual. Por outro lado, recuperando um sentido ético que já lhe fora atribuído em sua historicidade, ela também assume um caráter explicitamente moralizante, apresentada ora como vício, ora como virtude. Embora tenha adotado uma perspectiva pouco equilibrada quanto ao tema, ninguém parece ter entendido melhor que Agostinho de Hipona essa dupla dimensão da curiosidade: uma pulsão de saber e uma libido perigosa.³ Próximo da volúpia, “o desejo de conhecer tudo”, “a paixão de tudo conhecer e examinar” pode se transformar em doença da alma.⁴ Essa concepção agostiniana, já em si uma aglutinação das concepções transmitidas pelo pensamento vetotestamentário, pela filosofia greco-latina, como se verá, iria influenciar sobremaneira a mentalidade medieval e delinear o horizonte interpretativo da cultura da Renascença.

Por isso, é preciso sublinhar que para compreender a natureza e o significado da curiosidade tem de se considerar pelo menos estas duas dimensões distintas e complementares: uma dimensão epistemológica e uma dimensão ético-moral. Somente sobre essa base parece ser possível fazer, por exemplo, uma reconstrução histórico-conceitual da curiosidade, como aquela realizada pelo filósofo alemão Hans Blumenberg.⁵

Apresentada e discutida sobre essas bases desde o pensamento antigo, a curiosidade mostra, especialmente na Filosofia da Renascença, essa sua dupla face conceitual. Particularmente em Giordano Bruno, a curiosidade constitui, por um lado, a condição necessária para a compreensão e a realização de processo cognoscitivo, bem como, por outro lado, fornece as bases sobre as quais se funda a teoria dos vícios e das virtudes. Embora Bruno não tenha se debruçado especificamente sobre o tema, nem tenha explicitamente abordado analiticamente o assunto em seus escritos, uma leitura atenta de sua obra deixa transparecer que a curiosidade faz parte essencial do quadro

³ AGOSTINHO. *Confissões*, 3ª. ed., Trad. de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2013. X, p. 35.

⁴ *Idem*.

⁵ Ver especialmente a terceira parte do livro de BLUMENBERG, Hans. *Die Legitimität der Neuzeit*, 2ª. ed., Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988, p. 261-528.

referencial teórico da filosofia do Nolano. Por isso, partindo de uma pista deixada por Bruno em *Spaccio de la bestia trionfante* [*Expulsão da besta triunfante*] (1584), gostaria de mostrar como o curioso assume a condição de ‘furioso’ (filósofo) em *De gli eroici furori* [*Furores heroicos*] (1585). Aqui a curiosidade vem personificada na figura do caçador Acteão, aquele que busca o conhecimento e a sabedoria (Sofia) e, por outro, como aquele que, ao realizar seu percurso investigativo, sofre, ele mesmo, uma radical transformação, uma metamorfose, que se torna, por sua vez, a precondição existencial para a experiência do pensar.

1. O curioso e a besta triunfante

Para compreender o significado que a curiosidade assume na obra bruniana, é preciso partir de uma passagem central do diálogo *A expulsão da besta triunfante*, no qual Bruno faz Sofia afirmar: “Aqueles que me procuram de modo absoluto são curiosos.”⁶ Considerada a importância que a personificação da sabedoria adquire nesse diálogo, já se percebe que a afirmação está longe de ocupar uma posição marginal na obra e na reforma filosófica proposta por Bruno. No panteão dos deuses reunidos em conclave sob o comando de Júpiter (Zeus), Sofia representa uma figura destacada na gigantomaquia, a luta de titãs, e a ela é atribuída a tarefa de estabelecer as novas leis que devem reger a humanidade, após a expulsão dos vícios e a restauração das virtudes, tema este tratado à exaustão nos diálogos londrinos. De outra parte, a referência ao ‘curioso’ não se fará sem considerar a pluralidade de modos de investigar e de filosofar. Contextualizando textualmente a referência ao curioso, vejamos, então, como Bruno elabora aqui a questão da curiosidade e o que significa dizer que o curioso é aquele que empreende, sem restrições, uma busca pela sabedoria.

No início do segundo diálogo, fortemente impregnado pela tradição neoplatônica, e de maneira especial pela leitura da *Teologia platônica* de Proclo,⁷ Giordano Bruno dirá que a sabedoria tem dois nomes:

[...] uma é a sabedoria superior, supraceleste e ultramundana, se assim se pode dizer; (...) a outra é a sabedoria consecutiva, mundana e inferior; não é a verdade mesma, mas é veraz e participa da verdade (...). Assim pois, não é sabedoria por essência, mas por participação.⁸

E, algumas linhas adiante, sempre pela voz de Sofia, acrescenta:

⁶ BRUNO, Giordano. *Spaccio de la bestia trionfante*. Torino: UTET, 2002. p. 189-191.

⁷ PROCLO, *Teologia platônica*. Torino: UTET, 2019, (IV, 14): “Uma é a ciência que está em nós e outra a que se encontra em lugar supraceleste: a primeira é verdadeira, a segunda é verdade em si”.

⁸ BRUNO, Giordano. *Spaccio de la bestia trionfante*. *Op. cit.*, p. 189.

A primeira é invisível, irrepresentável e incompreensível acima de tudo, em tudo e abaixo de tudo; a segunda está representada no céu, ilustrada nos engenhos, comunicada pelas palavras, assimilada pelas artes, aplainada pelas discussões, delineada pelos escritos. Por ela, quem diz saber o que não sabe é um sofista temerário; quem nega saber o que sabe é ingrato com o intelecto agente, injúria a verdade e me ultraja. Da mesma espécie vem a ser todos aqueles que não me buscam por mim mesma ou pela virtude suprema e amor à divindade, que está acima de todo Júpiter e de todo céu, mas para me vender por dinheiro ou por honras ou por outros tipos de ganância; ou não tanto para conhecer como para serem conhecidos, ou então para difamar e poder impugnar e tornar-se molestos censores e rígidos observadores contra a felicidade de outros. De todos esses, os primeiros são miseráveis, os segundos são malignos e os terceiros malvados e de ânimo vil. Ao contrário, aqueles que me buscam para edificar-se a si mesmos são prudentes; aqueles que me observam para edificar a outros são humanos; aqueles que me procuram de modo absoluto são curiosos; aqueles que me inquiram por amor à suprema e primeira verdade são sábios e, por conseguinte, felizes.⁹

Diferentes tipos de sabedoria, diversos tipos de investigadores com propósitos muito distintos. De um lado, os sofistas, os ingratos, os orgulhosos, os gananciosos, os miseráveis, os malignos, os malvados; de outro, os prudentes, os curiosos e os sábios. Temos, então, que a curiosidade assume aqui um sentido positivo, bem diverso daquela concepção agostiniana que aparece em outros momentos na obra bruniana. Aqui a curiosidade está, por assim dizer, associada às virtudes da prudência e da sabedoria. Por isso, em meu entender, quando se analisa a questão em *A expulsão da besta triunfante* percebe-se que o tratamento dispensado por Bruno à curiosidade já ocupa um lugar nada irrelevante na arquitetura de sua obra filosófica, um lugar que indica de maneira adequada não somente a posição do intelecto humano no universo do conhecimento, mas também marca suas possibilidades e limites. Dada sua condição humana, é vedado ao ser humano o acesso à sabedoria divina. No entanto, por essa mesma condição, lhe é facultado o campo de toda a investigação possível dentro das possibilidades e limites de sua sensibilidade e de seu entendimento. Embora haja quem possa sentir aqui uma antecipação kantiana *avant la lettre*, mas na verdade trata-se muito mais de uma reafirmação das posições filosóficas já apresentadas por Nicolau de Cusa, um dos autores cujos escritos exerceram uma forte influência sobre o pensamento bruniano.

Como tivemos ocasião de mostrar alhures,¹⁰ embora o conhecimento da divindade não seja diretamente possível ao intelecto humano, é evidente que a mente

⁹ BRUNO, Giordano. *Spaccio de la bestia trionfante*. *Op. cit.*, p. 189.

¹⁰ Ver nosso *Giordano Bruno e a filosofia na Renascença*. Caxias do Sul: EducS, 2010, p. 171ss.

humana pode se aventurar na direção do conhecimento da infinitude infinita, embora somente lhe seja possível, dada sua natureza mundana, conhecer a infinitude finita. O que lhe resta é, portanto, realizar o desejo de conhecer, satisfazer sua curiosidade, por meio do ato de conjecturar. Ao conjecturar, por assim dizer, ele torna efetiva a curiosidade e realiza seu desejo de saber. O resultado de sua ação são as hipóteses, as ideias, os pensamentos. Por isso, o conhecimento humano deverá permanecer sempre conjectural, imperfeito e inacabado. A atividade intelectual pode, portanto, somente acercar-se do conhecimento da infinitude, mas somente pode se realizar na compreensão da finitude. Aos humanos não é dada a possibilidade de compreender o infinito a não ser por meio da compreensão do finitude. Diante desse quadro, pode-se sugerir que a condição conjectural do conhecimento humano depende da transformação do impulso e do desejo de saber, próprios da curiosidade, em atividade intelectual.

Se voltamos agora novamente nossa atenção ao texto bruniano, temos em primeiro lugar os prudentes, que buscam a sabedoria para edificar a si mesmos; os humanos, que se servem da sabedoria para edificar a outros; os curiosos, que simplesmente buscam a sabedoria; e os sábios, que procuram a sabedoria por amor à verdade. Para além do egocentrismo dos prudentes e do altruísmo dos humanos, os curiosos ocupam uma posição próxima aos sábios. Há como que uma certa gratuidade e uma ausência de utilidade em quem busca a sabedoria tão somente por buscá-la, por se ocupar com essa busca, com a interrogação, com a conjectura. Já os sábios pertencem a uma outra categoria, a dos que procuram a sabedoria por amor à verdade. Retorna assim um caráter, digamos, quase que instrumental, que está ausente da atitude do curioso. Assim, na verdade, poderia se considerar que, para Bruno, a curiosidade é um movente da atividade intelectual e filosófica. Em outras palavras, em chave hermenêutica, a curiosidade torna-se imprescindível para a efetivar a expulsão da besta triunfante, aqui compreendida como a ignorância.

2. A metamorfose do curioso nos *Furores heroicos*

Se na *Expulsão da besta triunfante* a curiosidade já se apresenta como um tema importante para a filosofia bruniana, todo seu vigor estético, ético e intelectual aparecerá de modo muito mais elaborado na descrição detalhada do processo filosófico apresentado nos *Furores heroicos*, o último diálogo do período londrino escrito pelo

filósofo de Nola. Como bem assinalou Nuccio Ordine, Bruno descreve nesse diálogo como “o amor pelo conhecimento conduz o filósofo a realizar uma experiência excepcional, um percurso extraordinário que se estende todo na direção da união com a natureza una e indivisível, na direção de um abraço ‘impossível’ com o infinito”.¹¹ E nos parece que é exatamente esse “amor pelo conhecimento” que, antes de se identificar com a própria filosofia, incorpora aquela dimensão própria da curiosidade enquanto desejo de saber. Bruno mesmo dirá que o furor é “ímpeto racional” que tem em vista a “apreensão intelectual”; ou ainda, o furor é “amor e desejo ardente do belo e do bom, modelo de perfeição com o qual se procura tornar-se perfeito transformando-se à sua semelhança.”¹² Por isso, percebe-se que o furor assume aquelas características antes atribuídas à curiosidade. Entre curiosidade e furor há uma certa semelhança de família. Embora não possam ser tomados por sinônimos, ambos acabam por criar um amálgama conceitual sem o qual não se pode compreender o processo cognoscitivo levado a efeito pela atividade intelectual. Talvez possamos mesmo dizer que, assim entendida, a curiosidade constitui uma pré-condição para a investigação empreendida pelo furioso.

Em seu diálogo, Bruno distingue inicialmente dois tipos de furor: um bestial, associado com uma determinada “cegueira, estupidez e ímpeto irracional”, que conduz à insensatez ferina; e um furor divino, que consiste “em certa ocupação divina, mediante a qual alguns se tornam melhores que os homens comuns.”¹³ Essa mesma caracterização também poderia ser aplicada à diferença entre a curiosidade natural e a curiosidade intelectual referidas anteriormente.

Considerando agora somente o conceito bruniano de furor divino, nos parece perfeitamente possível associá-lo à curiosidade intelectual que vem inscrita no caso exemplar de furioso heroico, que como um curioso se deixa inflamar não somente pelas coisas conhecidas e vistas, mas especialmente pelas coisas desconhecidas e jamais vistas.¹⁴

No início do quarto diálogo da segunda parte de seus *Furores heroicos*, Giordano Bruno apresenta o furioso heroico servindo-se do antigo mito de Acteão. Primeiro apresentado em forma poética, depois na forma de comentário em prosa, o mito relata

¹¹ ORDINE, Nuccio. *O umbral da sombra*. Literatura, filosofia e pintura em Giordano Bruno. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 129.

¹² BRUNO, Giordano. *De gli eroici furori*. Torino: UTET, 2002. p. 121.

¹³ BRUNO, Giordano. *De gli eroici furori*. *Op. cit.*, p. 19.

¹⁴ *Idem*, p. 177.

a estória de um jovem caçador que, certo dia, indo à caça, acompanhado por seus cães, desvia-se do caminho e acaba por encontrar Diana, a própria deusa da caça, banhando-se com suas ninfas. Surpreendida pelo olhar curioso de um mortal, a deusa transforma Acteão num cervo que, por não ser mais reconhecido como o caçador, torna-se presa e é devorado por seus próprios cães. Recolhendo o mito desde as mais diversas fontes literárias da Antiguidade, mas em especial do célebre poema *Metamorfoses*, de Ovídio,¹⁵ Giordano Bruno narra e comenta um dos processos metamórficos mais emblemáticos da literatura universal. Após recontar a trágica jornada do mítico caçador, no início do comentário em prosa ao soneto de Acteão e Diana, Bruno afirma que "Acteão representa o intelecto". Assim, ao identificar aqui a figura central do soneto, Bruno dá um importante passo hermenêutico: de uma linguagem simbólica passa para uma linguagem conceitual e designa o tema filosófico seminal dos *Furores heroicos*. A primeira imagem que vem à mente é aquela do caçador em busca de sua presa, mas esta imagem está destinada agora a simbolizar a própria atividade intelectual. A imagem poética do caçador é transformada em metáfora para representar o conceito de intelecto. Essa mudança é muito significativa porque mostra que Bruno está trabalhando em uma área de fronteira entre dois níveis semânticos muito distintos: enquanto a linguagem poética do soneto tem uma função imagética, a linguagem do comentário em prosa assume uma função de análise conceitual capaz de reconfigurar a metamorfose vivida por Acteão, o caçador curioso, ou se quisermos, a atividade intelectual do furioso heroico.

No entender de Bruno, a tarefa do intelecto consiste em alcançar (caçar) a beleza e a sabedoria. Analogamente ao caçador, o intelecto está alerta e focado no objeto de sua busca. Essa atenção revela o ímpeto com que o intelecto opera em sua atividade. Bruno apresenta assim um conceito de intelecto, cuja atividade consiste na caça, na captura, na apreensão do seu objeto. Por isso, o intelecto pensado por Bruno não se caracteriza pela passividade, mas sim pela sua intensa atividade. A sabedoria e a beleza divinas tornam-se assim o objetivo final de toda investigação e de todo esforço da atividade intelectual.

Mas onde propriamente se revela na descrição mitológica e na análise conceitual a curiosidade do caçador-filósofo, o furioso heroico? É preciso novamente ter presente a força da imagem para compreender o significado da empresa bruniana. Enquanto

¹⁵ OVÍDIO. *Metamorfoses*, III (vv. 138-252). Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 173-181.

segue os rastros das feras selvagens, o jovem caçador, percorrendo a floresta, acompanhado por seus cães e guiado pelo destino, chega de repente a uma fonte na qual Diana se banha acompanhada por suas ninfas. A expressividade essencialmente erótica do motivo literário do mundo da caça guarda analogias profundas não somente com os textos literários e com as mais diversas formas de expressão artística, especialmente a pintura renascentista, mas especialmente com a teoria do conhecimento de orientação (neo) platônica. Sendo essencialmente pictórica, a descrição literária destina-se a ser vista e apreciada. Se minha argumentação fizer sentido, esse motivo literário transforma-se, ele mesmo, numa metáfora para não somente ilustrar, mas também para ajudar a compreender a atividade intelectual. Bruno serve-se de procedimentos analógicos para explicar o que ele quer dizer com visão intelectual, ao afirmar que sabemos que coisas belas nos são apresentadas pelo ato de ver e que como o olho se volta para as coisas que são visíveis, o intelecto se volta para as coisas que são inteligíveis. Impulsionado pela curiosidade, pelo desejo de saber, o intelecto procura pela origem e pelo princípio de todas as coisas, e ao realizar sua busca acaba por descobrir a unidade, a verdade, a bondade e a beleza infinitas. Nas palavras metafóricas de Bruno, o caçador depara-se com a nudez de Diana. Em outras palavras, essa experiência cognoscitiva realizada pelo intelecto é descrita por Bruno com a ajuda da imagem da visão intelectual. Ver e contemplar a beleza de Diana significa para o caçador, no plano metafórico, o mesmo que para o curioso, no plano conceitual, reconhecer na natureza a presença do poder criador e a beleza da criação. Na natureza, que reflete a atividade divina, o filósofo apaixonado pela busca da verdade encontra a manifestação mais original do ser; aqui o curioso encontra a satisfação de seu desejo de conhecer.

Considerações finais

O breve percurso argumentativo esboçado acima nos leva a compreender que no interior da obra bruniana realiza-se um movimento conceitual que, em primeiro lugar, associa a curiosidade ao desejo de saber; em segundo lugar, mostra que a curiosidade torna-se uma pré-condição para o desenvolvimento da atividade filosófica; em terceiro lugar, indica que para Bruno a imagem do curioso está intrinsecamente associada à imagem do furioso heroico; e, em quarto lugar, que na filosofia bruniana ganha sentido a tríade curioso-furioso-filósofo. Pode até mesmo parecer trivial, mas recuperar o

sentido originário da curiosidade como condição para o espanto, para a admiração e para a investigação significa, também para Giordano Bruno, reafirmar a própria condição de dá origem a todo filosofar.

Recebido em 04 de agosto de 2022
Aceito em 02 de novembro de 2022